

A DEMOCRACIA E A CONSTITUIÇÃO (*)

1. Eu tenho grande enlevo por estar aqui, nessa sala virtual, para compartilhar algumas reflexões sobre “A Democracia e a Constituição”, nesses tempos de reverencia acomodada à irreabilidade e desprezo pela verdade real.
2. Agradeço ao Centro Universitário – Católica de Santa Catarina por essa parceria que celebra com o nosso Instituto Victor Nunes Leal, graças ao incansável labor de nossa querida Secretária Executiva, Dra. Lucia Peluso.
3. Desejo cumprimentar efusivamente o Ministro Ricardo Villas Boas Cueva e a professora Ana Carolina Lopes Olsen, debatedor e mediadora, cujas presenças tanto enaltecem esse evento, versando um tema fascinante e desafiador. Um cumprimento especial ao caríssimo amigo Presidente do Instituto Victor Nunes Leal, José Paulo Sepúlveda Pertence, a maior referência de nossa geração já tão longeva.
4. Caros estudantes do curso de Direito e demais ouvintes, que me oferecem a cortesia da atenção.

* * *

5. Em 1945, quando eu era ainda uma criança, a máquina da ditadura do Estado Novo ainda estava de pé, mas já contida, então, pela vigilância e pelo vigor do extraordinário movimento de opinião, que empolgava a população de norte a sul do Brasil, saudando a aurora de novos tempos. As elites financeiras já estavam bem abastecidas. E o povo não suportava mais a opressão.
6. Em 29 de outubro de 1945, por um pronunciamento unanime das forças armadas, a ditadura que, por 8 longos anos, ceifara a liberdade, foi deposta, no curso de poucas horas, sem abalos nem violência. Ato contínuo, os Governos da União e dos Estados foram confiados aos mais graduados juizes da magistratura, para que presidissem, imparcialmente, o pleito, que se deveria realizar dentro de pouco mais de 30 dias, isto é, no dia 2 de dezembro de 1945.

(*) Aula Magna apresentada *on line* pelo advogado Pedro Gordilho em 16.3.21, atendendo convite do Centro Universitário – Católica de Santa Catarina, em Joinville.

Encerrava-se o interregno cesarista do Estado Novo, inaugurado com o golpe de 10 de novembro de 1937.

7. Menos de vinte anos após a queda da ditadura do Estado Novo, tivemos nova experiência fúnebre de rompimento da ordem constitucional. As forças armadas – usando um discurso anticomunista e apoiadas pelas elites financeiras, pelos interesses, vistos pelas elites como desassistidos e com apoio do governo norte-americano – depõem o Presidente da República e ocupam a poder central. Como todo ato de força, o golpe bastou-se a si mesmo. E implantou solução política *sui generis*, emoldurando um modelo político sem precedentes. Ao editar o Ato Institucional nº 1, de conotação discricionária, admitiu a intocabilidade dos princípios da Federação e da República, e, ainda, o funcionamento dos poderes desarmados, sob a égide da Constituição de 1946.

8. Ou seja, o nosso exacerbado “bacharelismo” desejava mostrar à nação brasileira que, mesmo derrubando um Presidente constitucional, através de um golpe militar, a intenção era simular um Estado de direito, ainda que marcado pela visível precariedade, diante do poderio militar que ocupava o centro de gravidade da nação.

9. A dissimulação, o *déguisement*, pouco durou. Em 13 de dezembro de 1968 era editado o Ato Institucional nº 5. O golpe de 1964 assumiu, finalmente, sua feição verdadeira. O Presidente da República recebeu poderes para decretar o recesso do Congresso, das Assembleias e das Câmaras de Vereadores, também poderes para legislar, decretar a intervenção nos Estados e Municípios, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos, confiscar bens, ficando suspensas as garantias constitucionais de vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, entre outros poderes. Um cenário de horrores, desolador, afetando diretamente o Supremo Tribunal Federal, com o uso do dispositivo punitivo contra os Ministros Evandro Lins e Silva, Hermes Lima e Victor Nunes Leal, este último patrono do Instituto que tem seu nome e que tenho o privilégio de representar nesse grandioso evento.

10. Foi longo o período de arbítrio em que o Brasil mergulhou, entre 1968 e 1978. Mas tenho a convicção de que as nações são mais duráveis do que as ideologias e as cortinas criadas pelas conveniências do poder de

emergência, que, cedo ou tarde, se dissolvem. Nos momentos decisivos da vida dos povos, ressurgem as nações que se recusaram a perder suas instituições. Porque são as instituições, acima das ideologias, que sustentam a dignidade e a honra dos povos, permitindo-lhes atravessar, incólumes, as dificuldades institucionais, guerras, crises econômicas, conflitos entre o capital e o trabalho. Não existe povo ou nação sem instituições e sem a crença de que delas dependerá o futuro.

11. Naquela década de incompreensão e de obscurantismo, os advogados deram ao Brasil uma lição de coragem. Fazendo um bosquejo histórico naquele passado distante, haverá de se fazer justiça à atuação da Ordem dos Advogados do Brasil no acompanhamento da marcha do país no retorno à democracia, desde quando nossa instituição começou a mostrar sua veemente inconformidade com o modelo político autocrata, despótico, a que se dera a classificação de sistema.

12. Demorou, começamos lentamente a sair da asfixia, pudemos respirar com profundidade lá na frente, mas conseguimos. Em 1988, era promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos.

13. Era a volta do Estado Democrático de direito, com aplausos de toda a nação brasileira.

14. Em face dessa narrativa, que constitui a parte primeira da presente Aula Magna, depois de haver testemunhado deposições, golpes, seguidos de processos de revitalização da ordem democrática, nunca poderia supor, salvo como exercício doutrinário, que seria instado a discorrer sobre “A Democracia e a Constituição”. Parecia-me tema já atirado à naftalina, um discurso que deveria tão somente pertencer à nossa História contemporânea. Mas não é o que temos diante de nós, quando sinais, com elevado teor de octanagem, delineiam riscos de graves ranhuras institucionais.

*

*

*

15. Temos, diante de nós, o dilema das democracias. Primeiro, o risco de uma sociedade acomodada, vulnerável à desinformação, acorrentada na Caverna de Platão, satisfeita com *fake news*, com negacionismos, não no varejo, mas no atacado. Temos diante de nós, a seguir, a servidão voluntária, denunciada no século XVI por Etiènne de la Boetie. E temos, por fim, a rebelião das elites, insatisfeitas, traíndo a democracia, quando seus interesses não são levados em conta.

16. É, pois, fundamental discutir, primeiramente, sobre *fake news*, redes sociais, manipulação da informação e acomodação à sombra da Alegoria da Caverna de Platão.

* * *

17. É manifesto que não se cuida – nas *fake news* – da liberdade de expressão, protegida pelos incisos IV, IX e X do artigo 5º da Constituição. A liberdade de expressão não é um valor absoluto e sua má utilização não pode ser instrumento de ódio, de falsidade, de violação da honra, da imagem e da reserva das pessoas. A profa. Lilia Moritz Schwarcz - titular do Departamento de Antropologia da USP e autora de obras viscerais, como, recentemente, a obra brilhante “Sobre o Autoritarismo Brasileiro” - aludindo, em palavras candentes, ao paradoxo da tolerância, ensina: “A democracia não pode ser tolerante com a intolerância.”

18. Apesar disso, muitos se deixam submergir às *fake news*. E quem são tais pessoas? A meu juízo algumas, dentre elas, não desejam, de fato, conhecer a realidade. Ficam abastecidas apenas pela visão das sombras projetadas no fundo, como na Alegoria da Caverna, de Platão, sobre o que discorrerei a seguir. Outros, não podem conhecer a realidade. Estão subjugados, dominados pela Inteligência Artificial. Outros preferem a servidão, preferem ser dominados por um Czar, um Führer, um Mito, condutor, guia, chefe, no qual acreditam.

19. Cuida-se, pois, de um cenário desolador, exigindo das pessoas independência e uma bagagem cultural de peso, que lhes proteja das sombras

e dos artifícios tecnológicos. Cabe a cada um de nós saber a diferença entre o que é a verdade e o que *parece ser* a verdade. A democracia tem esse relevante papel, o de oferecer oportunidade para as pessoas lograrem, concretamente, alcançar essa distinção. Por esta razão, os que aspiram a ditadura, a autocracia, pensam logo em emudecer ou censurar a imprensa livre.

* * *

20. Faço agora um exercício de fantasia, um devaneio. Platão imaginou uma caverna habitada por seres humanos que dela nunca saíram. Nesta caverna, apenas uma fração de luz do dia logra penetrar. Acorrentados uns aos outros, os seres humanos, lá presos, enxergam simplesmente uma parede ao fundo da caverna. Elas assistem sombras projetadas na parede vazia. E que sombras são estas? São sombras de coisas e pessoas passando em frente ao fogo que se encontra atrás das pessoas acorrentadas. Os sons vindos de fora ecoam pelas paredes da caverna, fazendo com que os acorrentados pensem que se trata de sons produzidos por objetos, que parecem mover-se sozinhos.

21. O filósofo grego procura compreender a Verdade – e aqui menciono verdade com letra maiúscula – por trás das aparências imediatas. Assim como aquele que olha para o fogo pela primeira vez, este é um processo doloroso, ensina Platão, um processo que exige dedicação, que exige capacidade, pois a realidade, olhada com mais proximidade, pareceria menos clara, a princípio, por estar o protagonista acostumado a ver apenas sombras. Dessa maneira, tanto como quem passa das sombras à luz, o processo de aquisição da sabedoria é gradativo e, muitas vezes, lento e doloroso.

22. Questionado que este seria um grupo de pessoas inusual, e que esta situação seria igualmente inusual, Sócrates – pela escrita de Platão – alerta que estas pessoas são muito semelhantes a todos nós, humanos. Em nosso mundo, Sócrates relaciona a luz do Sol com a luz do fogo na caverna, explicando que os fatos do mundo não se apresentam imediatamente. E mais: que a realidade última das coisas pode estar oculta ao olhar menos atento, procurando,

desta forma, explicar como chegamos a conhecer as coisas, através de um olhar que ultrapassa a mera aparência imediata e procura – aí vem a parte, a meu ver, capital – a realidade. A realidade, e, com ela, a verdade.

23. A Alegoria da Caverna é interpretada, a meu juízo, de modo culminante, como uma advertência sobre como governantes, sem uma mentalidade filosófica forte, manipulam a humanidade governada por eles.

24. A alegoria prossegue e Platão narra que, num certo dia, um dos prisioneiros consegue libertar-se, alcançando o lado de fora da caverna. No início, ao sair da caverna e das trevas que ali reinavam, ele ficou cego, devido à claridade vinda de fora.

25. Pouco a pouco, gradativamente, seus olhos foram se acostumando à claridade e visualizaram outro mundo. E que mundo era este, visualizado pelo desacorrentado? O mundo da natureza, o mundo das cores, o mundo das imagens diferentes daquelas que antes ele considerava verdadeiras. O universo da ciência e do conhecimento se abria perante ele, podendo então visualizar o mundo das formas perfeitas ou seja, o mundo da verdade, o mundo do conhecimento verdadeiro. Absolutamente siderado pelo conhecimento verdadeiro, ele volta para o interior da caverna, carregado de emoção e de alegria, para narrar a descoberta aos seus amigos ainda acorrentados, com a intenção notória de também libertá-los. Mas o que acontece? Os acorrentados não acreditaram nele e, então, revoltados com a sua suposta “mentira”, acostumados a permanecer na “zona de conforto”, ameaçaram mata-lo.

26. Então, que conclusão podemos tirar neste momento da exposição? Resposta: o mundo dos acorrentados é o mundo da imperfeição, o mundo da ilusão, o mundo da mera opinião, o mundo do “eu acho”. O mundo encontrado pelo desacorrentado lá fora é o mundo da realidade, do conhecimento, das ideias, das formas inteligíveis e perfeitas, dos conceitos baseados na verdade.

* * *

27. Agora, vamos fazer um exercício de imaginação, trazendo esta Alegoria para o nosso tempo. Temos, no cenário que está diante de nós, as

redes sociais. Isto é um fato. As redes sociais – *whatsapp, twitter, facebook, instagram* –, essas novas ferramentas de comunicação passaram a ser também protagonistas de um processo de colocação de irrealidades, de inexatidões, de falsidades, em uma palavra, de *fake news*.

28. Que temos hoje? Temos as campanhas de desinformação, de negação, de difamação e de ódio. Não há solução fácil para essa tragédia contemporânea. O judiciário tem um relevante papel, mas é um papel residual no enfrentamento das notícias falsas. A própria caracterização do que seja *fake news* não é fácil, nós não a detectamos de imediato, a não ser em casos grosseiros, o que é e o que não é uma *fake news*. O poder judiciário é o poder no qual operamos, tem o seu rito, as suas regras dependem de representação, forma-se o contraditório e, depois, o julgamento. Finalmente, vem o mais perigoso dos ingredientes desse formato: grande parte das máquinas que operam as notícias falsas estão fora do Brasil, e nós não temos jurisdição extraterritorial para ir atrás delas e impedir a disseminação das mentiras.

* * *

29. A disseminação de informações falsas e de ataques à democracia, devo ressaltar, não pode estar amparada pelo direito à liberdade de expressão, assegurado no artigo 5º da Constituição, sendo um dos valores mais preciosos do Estado Democrático de direito (CF, art. 5º, inciso IX). Temos ainda a utilização desenfreada de robôs e essa utilização viola a garantia constitucional que veda o anonimato no exercício da liberdade de expressão, como previsto no artigo 5º, inciso IV, da Constituição.

30. O tema, como podemos avaliar, é sutil, complexo, e produz, para muitos, uma forte dose de incredulidade. Alguns poderão indagar: como a mente vai ser deturpada em razão de uma informação que vem de uma máquina, de alguém que não está no mundo real, que não é identificável? Pude colher informações minuciosas e muito atualizadas na obra “*Inteligência Artificial e Direito*”, coordenada pelas Professoras Ana Frazão, e Caitlin Mulholland, contemplando variados e oponentes temas ligados ao assunto.

31. O ensaio denominado *“Inteligência Artificial e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais: Breves anotações sobre o Direito à explicação perante a tomada de decisões por meio de Machine Learning”*, de autoria de Caitlin Mulholland e Izabella Frajhof, muito destrava desse quadro devastador.

32. Ressaltam as autoras: *“Uma das práticas em que há um alto poder de causar discriminações é o profiling, ou perfilhamento, que é a criação, por parte do controlador, do perfil do titular de dados que tem como intuito servir como parâmetro de avaliação sobre alguns aspectos da sua personalidade”*.

33. As autoras explicam como isso se desenvolve, anotando que uma vez munidas de tais informações sobre as pessoas, entidades privadas e governamentais tornam-se capazes de “rotular” e relacionar cada pessoa a um determinado padrão de hábitos e de comportamentos, situação que pode favorecer inclusive graves discriminações, principalmente se analisados dados sensíveis.

34. Ou seja: ali está dito que a inteligência artificial é capaz de selecionar, de obter dados, de conhecer preferências, de indicar condutas pessoais, procurando um benefício bem determinado, que é o de enviar as mensagens robóticas dirigidas a pessoas com os gostos previamente selecionados, afim de que a mensagem, a notícia falsa, as indicações, alcancem aqueles que estão mais propensos para recebe-las. E não há, nas redes, nenhum promotor da democracia, ninguém disposto a enaltecer a democracia. Elas são usadas para doutrinações sempre antidemocráticas, marcados por discursos de ressentimento e de ódio.

* * *

35. Vamos examinar, agora, como a servidão voluntária e o medo da liberdade agem para corroer a democracia.

36. Obras copiosas têm sido escritas para denunciar as tentativas contemporâneas de extermínio da democracia. A obra de maior sucesso, um verdadeiro *best-seller*, é o livro *“Como as democracias morrem”*, de Steven

Levitsky e Daniel Ziblatt. Lá está o veredicto desolador: “O retrocesso democrático hoje começa nas urnas”.

37. As democracias morrem, digo eu, não mais com rupturas violentas. Agora, a escalada de autoritarismo se dá com o apoio da população ao enfraquecimento de instituições críticas e à erosão de normas políticas historicamente conquistadas. É a servidão voluntária diante do medo de liberdade, percepção canalizada desde o século XVI, aos 22 anos de idade, por Étienne de la Boétie (*Discurso sobre a servidão voluntária*) e lapidada por Erich Fromm no século XX (*El Miedo a la Libertad*). Excertos dessas duas obras seminais são reproduzidos na sequência. Em primeiro lugar, excertos de La Boétie:

“Nós não nascemos na posse da nossa liberdade, mas também com a obrigação de defendê-la.”

“Há três espécies de tiranos: uns conquistam o reino através da eleição do povo, outros pela força das armas, outros pela sucessão da raça.”

“É inacreditável como o povo, desde que se sujeita, caia tão subitamente em tal e tão profundo esquecimento da liberdade, que não é possível despertá-lo para retomá-la, servindo tão livremente e com tanta vontade, que se pode dizer, ao vê-lo, que não perdeu a liberdade, mas ganhou a servidão”.

“Mas certamente está confirmado que o tirano não pensa jamais que o poder lhe esteja assegurado, senão quando chega ao ponto que não haja sob suas ordens nenhum homem de valor”.

38. Em segundo lugar, leio excertos da obra *El Miedo a la Libertad*, do filósofo, sociólogo e historiador alemão Eric Fromm, em tradução livre do espanhol:

“La tesis de este libro es la de que el hombre moderno, libertado de los lazos de la sociedade pre-individualista – lazos que a la vez lo limitaban y le

otorgaban seguridad –, no há ganado la libertad en el sentido positivo de la realización de su ser individual, esto es, la expresión de su potencialidad intelectual, emocional y sensitiva. Aun cuando la libertad le ha proporcionado independencia y racionalidad, lo ha aislado y, por lo tanto, lo ha tornado ansioso e impotente. Tal aislamiento le resulta insoportable, y la alternativa que se le ofrece es la de rehuir la responsabilidad de esta libertad, para aceptar una nueva dependencia o sumisión, o bien la de avanzar hacia la realización plena de la libertad positiva, la cual se funda en la unicidade e individualidade del hombre. Si bien este libro constituye um diagnóstico más que um pronóstico – un análisis más que una solución –, sus resultados no carecen de importancia para nuestra acción futura. Puesto que la comprensión de las causas que llevan al abandono de la libertad (...) constituye una premissa de toda acción que se proponga la victoria sobre las fuerzas totalitarias mismas”.

“Una parte de la población se inclinó ante el régimen nazi sin presentar mucha resistencia, pero también sin transformarse en admiradora de la ideología y la práctica política nazis. En cambio outra parte del pueblo se sintió hondamente atraída por esta nueva ideología, vinculándose de una manera fanática a sus apóstoles”.

“La ideología nazi – con su espíritu de obediência ciega al “líder”, su ódio a las minorías raciales y políticas, sus apetitos de conquista y dominación y su exaltación del pueblo alemán y de la “raza nórdica” – ejerció en estos jóvenes una atracción emocional poderosa, los ganó para la causa nazi y los transformo en luchadores y creyentes apasionados”.

“Hitler resultó un instrumento tan eficiente porque combinaba las características del pequeño burgués, resentido y ileno de ódios – con el que podía identificarse emocional y socialmente la baja classe media –, con las del oportunista, dispuesto a servir los intereses de los grandes industriales y de los junkers. Al principio representó el papel de Mesías de la vieja clase media, prometiando la destrucción de los grandes almacenes con sucursales, de la

dominación del capital bancário y otras cosas semejantes. La historia que siguió es conocida por todos: estas promesas no fueron nunca cumplidas”.

“Es característico de la relación de Hitler con las masas alemanas, a quienes desprecia y “ama” según la manera típicamente sádica, así como con respecto a sus enemigos políticos, hacia los cuales evidencia aquellos aspectos destructivos que constituyen un componente importante del sadismo. Habla de la satisfacción que sienten las masas en ser dominadas. “Lo que ellas quieren es la victoria del más fuerte y el aniquilamiento o la rendición incondicional del más débil”. ”

“La victoria sobre todas las formas de sistemas autoritarios será únicamente posible si la democracia no retrocede, asume la ofensiva y avanza para realizar su próprio fin, tal como lo concibieron aquellos que lucharon por la libertad durante los últimos siglos. Triunfará sobre las fuerzas del nihilismo tan sólo si logra infundir en los hombres aquella fe que es la más fuerte de las que sea capaz el espíritu humano, la fe en la vida y en la verdade, la fe en la libertad, como realización activa y espontânea del yo individual”.

* * *

39. Nesse ponto volto a enfatizar: a democracia – entre nós e entre países que serão nomeados mais adiante – está na UTI por que: (1) os acorrentados estão satisfeitos com as sombras que veem na parede da caverna, (2) os crentes, que se deixam persuadir pelas redes sociais ou que se deixam dominar pela Inteligência Artificial, estão convencidos da verdade (digo verdade, agora, em letra minúscula) que lhes é apresentada, sempre visando uma doutrina antidemocrática e/ou odiosa e, finalmente, (3) grande parte das populações se sente confortada e segura, sabendo-se comandada por um Cesar, um Czar, um Führer, um Mito. São eles os servos voluntários, identificados por La Boetie e bem focalizados por Erich Fromm.

* * *

40. Examinemos, agora, como as elites contribuem para esse processo de “recessão democrática”, expressão cunhada pelo cientista político norte-americano Larry Diamond, para descrever o indesejado fim do processo contínuo de ampliação de democracia no mundo. Estas elites deixam de propugnar pela higidez da ordem democrática a partir de quando seus interesses, ganhos, lucros, ampliação de redes, novos negócios, não estão sendo atendidos pelos dirigentes democraticamente eleitos. A partir desse momento, começam a conspirar, visando a erosão da democracia. Uma rebelião que não é ideológica, não é política, decorre simplesmente de interesses financeiros não atendidos na proporção requerida.

41. Uma vez foi a “rebelião das massas” que se considerava ameaçando a ordem social e as tradições civilizadoras da cultura ocidental. Atualmente, a principal ameaça vem daqueles que estão no topo da hierarquia social.

42. Quando Ortega y Gasset publicou sua obra seminal *A Rebelião das Massas*, era impossível prever o porvir. Escrevendo na era da revolução bolchevique e da ascensão do fascismo, em meio ao que restara de uma guerra cataclísmica que arrasou a Europa, Ortega atribuiu a crise da cultura ocidental ao “domínio político das massas”.

43. Hoje, o quadro mudou. São as elites – que controlam o fluxo internacional do dinheiro, através das multinacionais e da economia globalizada, que detêm as informações, presidem fundações filantrópicas, administram os instrumentos de produção cultural e, portanto, estabelecem os termos do debate público – que perderam a fé nos valores do Ocidente, ou do que resta deles. Para muitos pensadores, o próprio termo “civilização ocidental” lembra agora um sistema organizado de dominação que se destina a reforçar a conformidade com os valores burgueses e a manter as vítimas da opressão patriarcal – mulheres, crianças, homossexuais, imigrantes, pessoas de cor – permanentemente submissas.

44. De resto, as elites, tendo se descartado das normas morais e éticas que a religião lhes proporcionava, agarram-se à crença de que através do mercado é possível dominar seus destinos e escapar dos limites morais. Na busca desta ilusão, ficaram fascinadas pela economia global. Sua rebelião está acabando com tudo que vale a pena na vida contemporânea. Mesmo que às custas da erosão da democracia.

* * *

45. E por que precisamos tanto de democracia? Entendo não ser este o momento próprio, cedendo às tentações de um tema tão sedutor, para abrir o debate tendente a fixar o conceito de democracia, cuja significação tem sido, de boa e de má fé, tão deformada e deturpada. Entretanto, no emaranhado das definições, que se multiplicam, prefiro ficar com a definição que deu Aristóteles na sua *Política*: “A essência da democracia consiste em reconhecer a todos o direito de se pronunciarem sobre tudo”. Ao lado da enunciação irônica, mas verdadeira, de Winston Churchill: “A democracia é o pior em sistemas, fora os outros...”.

46. Um escritor político, Mac-Iver, na sua obra “O monstro do Estado”, ressalta: “A democracia se baseia no livre jogo das opiniões contrárias”. E adiante: “A diferença vital entre a democracia e a ditadura se estriba na liberdade da contra-propaganda, que permite aos homens a oportunidade de descobrir a verdade que pode alcançar cada um com o seu temperamento especial, sua capacidade de raciocinar e sua penetração”.

47. O Estado autoritário, digo eu, nega a crítica, aborta o debate. A democracia vive da controvérsia, enquanto o Estado autoritário conserva, como essência mesma de sua razão de existir, o monopólio da opinião. Um observador fidedigno da cena assinala, com propriedade, que os autocratas se comprazem numa espécie estranha de “diálogo com um mudo”.

48. O princípio filosófico da democracia é o da contingência e da falibilidade dos juízos humanos, dispostos a incorrer, a cada momento, em faltas, equívocos, enganos. Por isso, tem o regime democrático, como imprescindíveis,

o confronto e o atrito de opiniões divergentes para que, pelo raciocínio, pela controvérsia, apure-se, afinal, a verdade, que durará como tal até que uma razão nova e mais poderosa a transfira para o imenso acervo de erros que a humanidade acumula no curso dos tempos. A democracia é o reinado dos espíritos livres.

* * *

49. Nós, advogados, temos um compromisso impostergável com a democracia. Aprendemos, em nossa lida profissional, a estimar profundamente os valores da democracia, que passam a constituir uma verdadeira escola política e um núcleo de resistência incomparável, a que se deve a própria preservação dos ideais democráticos. E tudo isto confirma, de modo expressivo, que ser democrata é menos ter uma convicção ou um partido político, de que possuir um estado de espírito, guardar uma atitude natural diante da vida, que é, em suma, a de acatamento aos valores da humanidade, da lei e da justiça.

50. A atitude do advogado e do jurista, em face dos excessos e do extremismo que ameaçam ou golpeiam a ordem jurídica, não pode ser de ceticismo, de indiferença, ou de passividade. Quando se ameaça a ordem jurídica, ou a legalidade, o que se está solapando é a própria razão de ser da nossa profissão, razão pela qual nunca se entendeu que deveríamos ficar confinados ao âmbito augusto da atividade profissional cotidiana. Ao meu juízo, o advogado deve interessar-se por tudo o que diz respeito ao meio social, no que se refere à sua estrutura, à vida pública, às prerrogativas, aos direitos e aos interesses coletivos dos cidadãos.

51. Ouso pensar que temos um compromisso marcadamente expressivo, de grande significação, com a defesa dos cânones que se integram à ordem constitucional e legal, sobretudo numa quadra em que o arbítrio, a violência e o ódio procuram vencer e dominar todas as forças morais que são o fundamento mesmo do direito.

* * *

52. O cenário é desolador, sou impelido a reconhecer. Teríamos já o infortúnio de contabilizar mais um retrocesso em marcha?
53. Seria já uma batalha perdida para os verdadeiros democratas, herdeiros de iluminismo, de Voltaire, de Rousseau, Thomas Jefferson, de Rui Barbosa?
54. As três maiores democracias do mundo são governadas por líderes populistas: Índia, Rússia e Brasil. Os EE.UU. tiveram um Presidente populista, em verdadeira ameaça às instituições democráticas, até janeiro de 2021. Mesmo sendo derrotado, recebeu 74,2 milhões de votos, ou seja, inacreditáveis 46,8 % de sufrágios. O que têm eles em comum? O que eles têm em comum é a alegação de que todos os partidos políticos e instituições existentes são corruptos e precisam ser retirados de cena. E mais: que eles, somente eles, representam as pessoas comuns. As demais devem ser exterminadas. Daí acharem os populistas que todo o resto é ilegítimo: os políticos de oposição que criticam o governo são traidores do país, são acusados de comunistas, jornalistas que cobrem escândalos políticos e denunciam a opressão são inimigos das pessoas focalizadas nas notícias, instituições independentes, que tentam conter o poder dos Presidentes populistas, devem ser abortadas.
55. É usando essa linguagem, prometendo devolver o poder ao povo, por se dizerem, eles mesmos, a encarnação do povo, que os próprios líderes populistas acabam por minar direitos individuais e instituições independentes.
56. Não poderemos voltar ao passado, com um debate civilizado e racional, um debate que ficou perdido na noite dos tempos. Os países democráticos terão de reinventar o modo como se faz política. A chaga da polarização causa estragos, principalmente movendo, com celeridade inusual, as redes sociais timbradas pela incontinência e pela irresponsabilidade.
57. Não se trata de remover ou censurar conteúdos, mas de apoiar um crescente movimento pela adequação dos algoritmos das plataformas ao interesse público. Hoje, a lógica das redes é dar relevância a qualquer conteúdo que traga engajamento, e por isso viraram o paraíso das *fake news* e dos discursos irracionais. Os algoritmos estimulam os usuários a fazer as coisas

deprimentes que vemos hoje na internet. É preciso inverter a lógica, dando mais relevância àquilo que nos une e à informação confiável.

58. Essa regulação teria de ser feita por órgãos independentes, evitando o risco de manipulação política, como fazem governos autoritários na Rússia e na China. Talvez seja o momento, aliás, de pensar: por que, ao lado das redes que já existem, não pode haver serviços públicos do gênero? Um modo de auferir como prevaleceram o bom senso e a justiça é verificar o que ocorreu depois que Trump foi banido: a veiculação de *fake news* sobre fraude nas eleições americanas baixou dramaticamente. A democracia saiu ganhando, saiu fortalecida.

59. O negacionismo pode ser popular. Ninguém quer ouvir que pode morrer, ou que terá de passar meses trancado em casa e cancelar a festa de casamento. Instintivamente, Trump captou o apelo disso. Como a maioria dos eleitores americanos pensava diferente, ele acabou derrotado na eleição. Mas os negacionistas continuam sendo uma praga ruidosa da população. É trágico ver a insistência de Trump e Bolsonaro, em passado recente, no uso da cloroquina. No meio do horror das mortes, tudo o que ofereciam às pessoas era a credice em uma droga milagrosa, em atitudes de causar inveja aos curandeiros. Não é à toa que o estrago do vírus tenha sido tão mais forte nos Estados Unidos e no Brasil.

60. As teorias conspiratórias e a desinformação são úteis para os populistas porque minam a fé das pessoas nas instituições, na imprensa e na sociedade civil. Elas têm especial apelo para uma parte da população que se sente esmagada pelo turbilhão de informações despejado pela internet. Vivemos numa era em que as pessoas ouvem, leem e assistem muita coisa sem saber como separar fatos de mentiras. Elas buscam, desesperadamente, quem simplifique o que não lhes faz sentido, e se tornam presas das companhias de ódio.

*

*

*

61. Deveremos ser pessimistas ou otimistas? Não tenho resposta pronta, infelizmente. Mas acho que a luta merece todo nosso empenho. Ainda não podemos saber o que o futuro nos reserva, não podemos ter a democracia global como garantida. Mais uma razão para continuarmos lutando por valores políticos, no sentido aristotélico, porque o futuro pode depender da forma como atuamos agora.

62. Penso que cada um de nós deve sair da redoma, da zona de conforto, e redobrar a consciência, para que não sejamos tragados, não sejamos vítimas indefesas da inteligência artificial que indique preferências, que não são as nossas, à luz de nossas predileções culturais, mas a que estaríamos sendo induzidos, pelos motivos que apresentei, infelizmente, a aceita-las.

63. Devemos assumir o protagonismo do desacorrentado, aquele que viu a luz, que conheceu a realidade, que conheceu a verdade. Nunca o comportamento fraco, frágil, daqueles que, além de acorrentados e desinteressados em conhecer a verdade, serão sempre presas fáceis de plataformas capazes de desviar as suas verdadeiras preferências, as suas condutas, as suas escolhas. E somente a democracia permite fazer-se a distinção entre o que é verdade e o que *parece ser* verdade. A democracia dá a oportunidade às pessoas de pensarem livremente, alcançando o que é fidedigno, genuíno, em uma palavra, verdadeiro.

* * *

64. Entendo, por fim, que não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. O homem está condenado a ser livre, o homem é quem decifra, ele mesmo, a jornada que vai percorrer. O homem, sem qualquer tipo de apoio ou auxílio, está condenado a inventar, a cada instante, o homem. Francis Ponge, poeta francês, disse isso numa frase de rara beleza: “*O homem é o futuro do homem*”. E Jean Paul Sartre explica: “*(...) existe uma universalidade humana, mas ela não é dada, e sim permanentemente construída*”.

65. Conhecer a si mesmo. É a regra maior. E conhecer é libertar-se.

